



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — Carlos Maria Coelho

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: **Talhaba — Lisboa** • Telefone 5339

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Um belo gesto de solidariedade internacional operária

Camaradas! prestemos o nosso auxílio aos nossos irmãos da Rússia

Correspondendo ao apelo feito a todos os povos pelos nossos camaradas russos para socorrerem as populações famintas da Rússia revolucionária, cuja situação interna, já dificultada pelos efeitos do criminoso bloqueio da burguesia mundial, foi agravada por uma péssima colheita agrícola em virtude de uma seca como não há memória, a CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO PORTUGUESA convidou já os operários organizados do país a secundarem o gesto de solidariedade internacional operária alvitando que cada um contribua com a cota mínima de um escudo.

E' necessário que ao convite da C. G. T. todo o operário consciente corresponda, e sendo hoje, sábado, dia do recebimento da fêria, a BATALHA permite-se lembrar aos camaradas a urgência que há em acudir à situação desesperada em que, nesta hora, se debatem milhares de famílias e de crianças nesse país que iniciou a grande revolução socialista que há de libertar os escravos do salariato.

Que nenhum operário deixe, pois, de hoje mesmo levar a sua cota de auxílio ao seu sindicato ou à sede da C. G. T. ou à administração de A BATALHA

CAMARADAS! subscrevei para os russos que teem fome!

Enviai o vosso auxílio ao vosso sindicato, à C. G. T. ou a A BATALHA

Justiça de funil DE BOM HUMOR

A justiça, segundo a moral burguesa, é baseada na força. Quem tem força faz o que quer e não tem que dar satisfações a ninguém. A força obtém-se geralmente pelo dinheiro e a fortuna adquire-se pelo roubo. O ladrão — eis o vencedor.

O código não proíbe o roubo, regulamenta-o, de forma a permitir sempre ao maior ladrão o mais farto lucro. Só é crime o pequeno roubo — o grande, nunca.

Assim a imoralidade só é castigada nos pequenos. O furto dum pão paga-se com a cadeia, mas espolar uma população inteira é honra que muitos invejam. João Ninguém subtraiu cem escudos da caixa do patrão? Costa de África com ele! Um comerciante qualquer rouba-nos na qualidade e no peso do bacalhau a bela quantia de cinco mil contos? E' uma firma respeitável que pode estampar gráficamente na taboleta da loja o produto do seu roubo.

Os grandes charlatões, os *maitres chanteurs* brincam com a justiça. A justiça é uma burla — dá-se bem com os burlões.

O número dos grandes ladrões é maior do que o dos gatunos pobres, desgraçados, miseráveis. Todos os dias estes últimos são condenados aos magotes. Indiquem-nos, porém, a condenação, a prisão, a deportação dum grande assambrador. Toda a gente os conhece, apontam-se a dedo os grandes que prevaricam. Os outros, os pobres diabos, transitam ignorados da miséria para o Limoeiro, para a Penitenciaría, para a África.

A moral burguesa é uma questão de dinheiro. Tens fortuna? E's bom. Deves uma semana ao pai? E's um canalha.

Quando um dos tais poderosos pratica crime tão grande que não possa passar em julgado, a justiça toma as suas precauções. Deixa o réu em casa, por especial deferência, em vez de fazê-lo bater com os ossos na tarimba dos calabouços. Se para o crime criminoso, é absolutamente necessária a cadeia, dão-lhe quarto especial e criados para servi-lo. No dia do julgamento procura-se nos cantos sofismas da lei, uma fadga para o réu. Chega-se até ao arrójo de se realizarem julgamentos secretos.

Afinal que vem a ser o julgamento? Não é ele, mesmo pelo critério burguês, uma satisfação que se dá à sociedade que aponta um determinado indivíduo que a lesa? Um homem que desrespeita a moral dum sociedade é um delinquent. A sociedade exige-lhe uma reparação. Essa reparação que a sociedade exige varia segundo a natureza do crime. A moral burguesa inventou então essa grande máquina ferrugenta e avariada que se chama o tribunal para medir, examinar, calcular o valor da lesão feita à sociedade pelo delinquent e aplicar-lhe o correspondente castigo. O castigo é, para uns, a satisfação que se dá à sociedade ofendida; para outros, vingança que a sociedade tem direito a exercer sobre o criminoso. Seja como for, sob o ponto de vista burguês, o tribunal é um instrumento de defesa social. Um julgamento secreto é uma burla, é iludir a sociedade. A sociedade capitalista para ser coerente, ou não faz o julgamento e sanciona o acto criminoso dum indivíduo da sua simpatia ou julga, condena ou absolve na presença de toda a gente. A burguesia que admite a existência do tribunal não pode admitir um julgamento secreto, porque isso seria burlar-se a si própria. Nós, sindicalistas revolucionários, não somos burlados porque não acreditamos na eficácia do tribunal.

O julgamento dos actos do sr. Liberato Pinto, que meio mundo afirma ter prevaricado, vai ser secreto. Contra Liberato Pinto não alimentamos ódio nem simpatia. Combatemo-lo, quando meio mundo, que agora o acusa, perante ele se curvava reverente, combatemo-lo porque nos incomodava, quando nos perseguia, quando abusava do seu poder. De súbito caiu do seu pedestal, deixou de nos incomodar... deixou de nos interessar. Não sabemos, não temos na nossa mão provas dos crimes que lhe apontam. Sabemos apenas que vai ser julgado secretamente.

O sr. Liberato Pinto foi acusado em público. No entanto, o sr. Liberato nunca provou em público serem falsas as acusações que lhe fizeram. Esperou silenciosamente o julgamento. E como o seu critério é conservador, o seu silêncio só pode ser admitido, na melhor das hipóteses, por este motivo: como a defesa em boca própria é sempre suspeita, esperou, de consciência tranquila, que a justiça burguesa (que para ele tem de ser infalível) proclamasse a sua inocência, dissesse ao mundo que a sociedade não tinha o direito de se vingar, de lhe exigir uma reparação porque ele não prevaricava.

Estava certo. Era uma atitude coerente, alguma vez o sr. Liberato havia de ser coerente...

Mas surge de súbito a notícia de que o julgamento seria secreto e o sr. Liberato Pinto não protesta, cala-se, submete-se a mais esse vexame. Chamaram-lhe ladrão — calou-se. Pretende-se agora julgá-lo, saber se é realmente ladrão e o sr. Liberato Pinto não diz à sociedade de que tem a sua consciência tranquila e que não teme que o julgamento em público, porque, estando inocente, inocente terá o tribunal de proclamá-lo.

O seu silêncio neste momento parece-nos a prova da sua culpabilidade. Admitindo que o tribunal secreto o absolve, a sociedade já não o absolvi, porque não assistiu ao exame dos seus actos. A manhã, mesmo que o sr. Liberato Pinto seja o melhor dos homens, qualquer tem o direito de duvidar da sua honestidade.

E nós, que não acreditamos na justiça, nós, que tam imoral achamos o tribunal secreto como o público, continuaremos a dizer que a justiça burguesa é uma burla que só a burlões aproveita.

A situação publica recentemente um artigo muito bem escrito e verdadeiro sobre a miséria angustiosa em que se encontra o povo português em consequência da carestia da vida, dizendo, entre outras coisas, que se morre de fome em Portugal e atirando-se aos causadores dessa desgraça como Santiago aos mouros.

Foi um sermão pregado aos fúbarões vorazes e insaciáveis desta ocidental praia lusitana e devo confessar que também de não poucos pecados do mesmo género tenho que dar contas a Deus quando for chamado à sua divina presença, depois da minha passagem por este vale de lágrimas e retorcidos chavinhos sem conta e sem número que ele aqui espalhou a granel e cá se encontram cubicamente multiplicados e sem que sejam de sobre para os famintos de toda a parte. Esgavataram os dentes e os sedentos de justiça refrescaram a boca, chapando-lhes as pontas, à falta de outro refresco.

Assim está sucedendo em Lisboa devido às manjancias da Companhia das Águas de que foram progenitores aqueles ilicitos varões assinalados da Galiza, que diziam para ali que esta terra é boa e que a gente era tola porque a água era dela e eles lhe vendiam.

E foi tam o negócio que os cidadãos de Tui e outras bandas daquella provincia espanhola trespassaram a esquinha e o barril aos nossos goianos, que se não cravam a gente e com a venda da água, que tem três escudos por litro, uma carta sem resposta do largo do Rato à Patriarcal, nem menos um centavo.

Mas vamos lá ao que mais importa ou deve importar.

Que tem o articulista da Situação, que tenho eu, que tem qualquer pessoa que vê com os famintos e com a fome?

O que se tem importado quasi toda a gente com a fome dos russos?

Não vê que os nossos governos não ligam nenhuma aos famintos de Cabo Verde e da região do Douro?

A fome!

Dizem que ela é má conselheira mas é uma grande alavanca para as reivindicações populares e está averiguado que não há molho Brandon Gomes ou outro que se lhe vantagem nem há melhor mostarda para abrir ou excitar o apetite.

Neste particular, falo de cadeira porque, modesta de parte, sou um hábil e assas experimentado profissional da fome negra, daquela que, só de uma vezada, chegaria, de sobre, para dez casas de família muito numerosas.

Pelo que, em verdade ligo, digo, que é bom ter fome e que esta é a melhor coisinha que se leva deste mundo, pelo menos na lembrança e no canastro quando o camarada Zé do sacho tomar conta deste para restituir à terra que cria muita cousa sem estorço, ao passo que não se cansa de criar *super homines* e gente fina e abastada que, se não o é, parece feita de esturmi, da epiderme até à medula dos ossos.

Ter fome!

Eu já a tinha tido, como é dito mais acima.

Mas que consolação a de uma boa paçada, a seguir e para intervalar!

Fica uma pessoa como a gíbia depois de engulir um bifeito, com cornadura e tudo.

E tanto isto é assim que, acto continuo a ter fome de cair, tenho comido de tal maneira e com tal apetite que, logo a seguir, tenho desejado a fome para me ver livre da paçada e para comer outra vez, até lá: tocar com o dedo.

Quanto e quantos ricações inapetentes dariam metade das respectivas fortunas só para terem fome de meia hora por dia?

Conta-se até que um sujeito muito rico recusou esmola a um mendigo só por este lhe dizer que tinha muita fome, ao que o tal sujeito respondeu:

— Com que então tens muita fome?

Feliz patife, põe-te a cavar. Não te donada?

E não deu.

Este mundo, todo ele de contrastes, seria insustentável se não fosse como é.

Nada de igualdade e menos ainda de equidade. Como está é que está bem, para haver incentivos à vida e à luta.

Tem o homem e a mulher, bem assim, dois caminhos a seguir: — Comer ou ser comido isto é, roubar ou ser roubado. Não há meio termo. A escolha é arbitrária. Cada um que a faça, mas não ve-

nha queixar-se de ser comido ou de ter fome nem de lhe faltar o apetite por ter comido alguma vez ou comer sempre em demasia.

Os outros, evidentemente, não teem culpa alguma por parvoíces alheias e os extremos tocam-se, em tudo e por tudo.

De maneira que começa a fome quando o estômago acaba de esvasiar-se e principia a falta de apetite quando o estômago está repleto.

Em vista deste corolário chega-se à conclusão exacta de que é bem melhor ter fome canina que, tarde ou cedo e uma vez por outra se satisfaz, ainda que com o arroz do Commissariado dos Abastecimentos e o pão de segunda do Ministério da Agricultura, do que andar sempre em preamar de águas vivas de falta de apetite, atirando os intestinos com aperitivos e sem praça no buxo para a estivar duas pernas.

De joelhos, famélicos da terra!

Rogai a Deus nosso senhor que dê fome à burguesia para ela comer com apetite e que faça de nós burgueses para termos fome como ela e poder saciá-la até não t-la e sempre assim alternada e sucessivamente.

E, agora, o propósito: A santa-madre Igreja que tem preces de reserva para tanta coisa não terá por lá alguma para abrir o apetite aos que rebentam com excesso de apetite?

Seria bom que tivesse,

J. B.

C. G. T.

Comité Confederal

Reuniu o Comité Confederal, tendo apreciado diverso expediente de carácter administrativo a que deu o devido destino.

Ainda do expediente constava um ofício da Federação dos Empregados de Comércio (Zona Norte) com várias comunicações respeitantes à organização e ratificando a nota do Comité Confederal.

Outro da mesma Federação (Zona Sul) fazendo igual ratificação e declarando aprovar a deliberação confederal respeitante aos delegados da U. S. O. de Evora, embora reconheça que Joaquim Cardoso até à data em que deu motivo à sua irradiação houvesse trabalhado bastante na organização.

Outro ofício da Federação da Construção Civil, comunicando que em Conselho de delegados daquele organismo, onde foi tratada a irradiação dos delegados da U. S. O. de Evora da C. G. T., foi aprovada a seguinte questão prévia: Tornar-se neutra nessa questão, seguindo na ordem dos trabalhos.

O Comité Confederal, depois de se pronunciarem todos os membros presentes, que constataram quanto havia de incoerente, de ilógico e ambíguo naquela resolução, deliberou apresentar a questão à próxima reunião do Conselho Confederal.

Os russos famintos — Conselho Jurídico

Tratando da situação do povo russo deliberou que do cofre confederal lhe fosse destinada a quantia de cem escudos.

Seguidamente occupou-se da situação do Conselho Jurídico, resolvendo convidar os membros daquele organismo a reunir com o Comité, a fim de resolver definitivamente tudo que com o mesmo se prende, para ser submetido à sanção do Conselho Confederal.

Conferência ferroviária

A comissão nomeada na última reunião da Secção das Federações, resolveu na sua reunião de ontem convidar os Sindicatos Ferroviários a realizarem sessões no corrente mês nos dias e locais a seguir designados, às quais serão enviados delegados directos, encarregados da propaganda para a realização da conferência inter-sindical com delegado do pessoal de todas as linhas que constituem a rede ferroviária do país:

C. P. — Dia 18, — Covilhã; 19, Castelo Branco; 20, Torre das Vargens; 21, Entroncamento; 22, Alfaiates; 23, Caldas da Rainha; 24, Pampilhosa; 25, Ovar; 26, Gaia.

Depressa, auxiliai os russos

Que em breve a nossa subscrição atinja importância que nos honre!

Impõe-se o urgente auxílio do proletariado português aos seus irmãos russos. Seria um crime que o operariado internacional assistisse de braços cruzados à agonia de vinte milhões de famintos. Quem tem coração não pode permanecer insensível a esta tragédia.

O povo russo tem fome e não possui pão; quer debelar as epidemias e não tem medicamentos. E' do nosso dever, proletários do ocidente, levar o nosso auxílio a quem se encontra nesta situação atroz.

O Comité Confederal da C. G. T., na sua última reunião resolveu contribuir com 100 escudos do seu cofre a favor dos russos famélicos. As Federações, Unões e Sindicatos que sigam este nobre exemplo e que, em poucos dias, a nossa subscrição atinja uma quantia que honre o proletariado português!

Os artistas e os famintos

Informa-nos ainda *Nowy Mir* que o sindicato dos trabalhadores das artes organizaram no dia 7 do mês passado, em benefício dos famintos, espectáculos em todos os teatros e salas de concerto, bem como nas praças e nos jardins públicos.

O Comité Pan-Russo de Socorro

O Comité Pan-Russo de Socorro dirigiu-se a todas as nações da Europa e da América, bem como aos respectivos governos, pedindo para facilitar por todos os meios a obra dos delegados, na ocasião da próxima vinda da sua delegação ao estrangeiro.

A frente da delegação está Golovine, antigo presidente da segunda Duma. Fazem parte da delegação, Avskissov, antigo director da Sociedade de Crédito Mútuo de Moscú; Prokopovitch, antigo ministro dos abastecimentos do governo de Kerenski; Kouskova, vice-presidente da Liga de protecção às crianças, o professor Tarasewitch e Alexandra Tolstoi, filha de León Tolstoi.

Uma resolução nobre

O jornal russo *Nowy Mir* dá-nos uma notícia interessantíssima que nobilita a classe operária.

Sul e Sueste — Dia 18, Faro; 19, Funchal; 20, Beja; 21, Casa Branca; 22, Evora.

Minho e Douro — 25, Regua; 26, Viana do Castelo.

Porto e Póvoa — 16, Porto. Companhia Nacional — 24, Miranda.

Trofa a Guimarães — 27, Guimarães.

Penafiel a Lixa — 28, Penafiel.

Nos dias 11, 15 e 23, realizam-se sessões, respectivamente, em Lisboa, Porto e Barreiro nos respectivos sindicatos ferroviários.

Neste sentido vão ser expedidas circulares, contendo todas as indicações referentes à propaganda e trabalhos a realizar por cada sindicato.

A comissão, reconhecendo ser necessário realizar-se sessões nas localidades acima expostas, deliberou transferir os dias em que a conferência se deve efectuar para 2 e 3 de Outubro.

AMANHÃ

Lêr em A BATALHA

O Conflito Anglo-Irlandês

Hamor

U. S. O.

A falta de água

Reuniu ontem novamente a comissão delegada para dar execução à questão das águas tendo apreciado diversos trabalhos e resolvendo efectuar brevemente um comício publico onde serão expostos os trabalhos feitos por esta União.

No Congresso de Lille

Sindicalismo e Comunismo político

Fala Dugat, da Federação Postal

Na 4.ª sessão do Congresso de Lille, depois de Besnard, tomou a palavra Dugat da Federação postal, que declarou logo de entrada que na sua opinião se deviam combater todos os partidos políticos que pretendessem intervir na vida sindical, e sobretudo o partido comunista.

Aproveitando-se da argumentação de Besnard, disse que este, no seu desejo de se apoiar num programa real, também se tinha mostrado reformista.

Procurou demonstrar o valor da Cartão de Amiens, relembrando que a acção operária deve ser sempre guiada pela velha máxima de Marx: «a emancipação dos trabalhadores há de ser obra dos próprios trabalhadores» e não de uma equipe de políticos.

Evocou a força de atracção da revolução russa, dizendo que era illusório esperar, como os minoritários, que os russos, tendo feito a revolução, renunciassem às suas concepções para adoptar as que eles chamam o espírito «petit-bourgeois» do sindicalismo francês.

— Confesso-vos, disse ele, que o acto revolucionário da tomada do poder por um partido politico, não tem, para os que trabalham, senão uma importância relativa.

«O dever do sindicalista é pois de agrupar os trabalhadores em grande número no seio das suas organizações, e marcar também claramente o que separa estas organizações dos grupos com forma e fins politicos.

«A nossa doutrina sindicalista representa o trabalho, traduz as aspirações de todos os trabalhadores...

«E quando os homens politicos pretendem traduzir tudo isso, é a incompetência, a falta de decôr.

«Quando os partidos querem subordinar o trabalho, por as massas sob os ordens dum Comité dirigente, digo eu que é isso uma insensatez, e que seria furor com um golpe mortal o movimento sindicalista.

Passando à questão internacional, disse que não podia admitir que os trabalhadores, ontem carne para o canhão, passassem a ser hoje carne para o tritão do «estatismo».

A salvação dos trabalhadores está na união das organizações agrupadas em número de 26 milhões na Internacional de Amsterdam.

LEDE

Impossível redenção

O encarcerramento do pão

Em Evora realiza-se uma importante reunião de protesto no teatro Garcia de Rezende

EVORA, 29.—C.—Com uma assistência grandiosa de povo, teve lugar hoje, pelas 21 horas, no Teatro Garcia de Rezende, um comício de protesto contra o pretendido aumento do preço de pão, promovido pela U. S. O. e pelas juntas de freguesia. A sessão João Alcanena, nomeando em seguida para presidir Claudio Percheiro, secretariado José Oliveira e Luiz Francisco do Carmo. Usa em primeiro lugar da palavra José Neio, em nome da U. S. O. da localidade, principiando por fazer várias considerações a propósito da questão do pão referindo-se demoradamente às sessões havidas nos anteriores dias entre o dr. sr. António Portugal, ex-governador civil do distrito e o actual governador, sessões estas em conjunto com lavradores e várias entidades da cidade, onde a moagem declara que não pode vender o pão a \$44 centavos por ter comprado o trigo a uma média de \$62.

Referiu-se ainda à saída de vagons de farinha, e faz alguns considerandos a respeito da carestia da vida, que a seu ver julga-a como culpada de todos os agravos e prejuizos na nossa vida económica. Se o pão tem atingido um preço exagerado a culpa deve-se à moagem, que apenas tem especulado e roubado a bolsa do consumidor.

Além desta questão, pronuncia-se sobre a crise nas classes da construção civil e corticeira, lamentando a sua triste sorte e os parcos salários que os operários destas indústrias recebem, que são assás mínimos para fazer face às exigências económicas de momento.

Ataca rijamente e com demodo os algarotes da moagem e da agricultura, acabando por afirmar que o sr. António Torres declarou que vendendo-se o trigo a \$44 o quilo a lavoura ainda ganhava dinheiro.

Segue-se-lhe João Alcanena, também da U. S. O., que esclarece à assembleia permanentemente vários e importantes pontos do decreto n.º 7053 — *decreto dos trigos* — e simultaneamente um artigo do jornal *A Fronteira*, de Elvas, de 25 de Agosto, cuja doutrina expressa se baseia na magna questão cerealífera. Mostra que fala ali apenas como consumidor e que nada de novo ou de perigoso esta sessão contém, tendo só positivamente que interessar-se pelos assuntos que estão pendentes desde problema, não havendo a mais leve parcela de facciosismo ou personalismo politico que se conheça nele.

O nosso brado deve ser sempre igual a aqueles que justificadamente nestas ocasiões se vulgar usou-se, sem ferir as aspirações do povo. A alimentação popular da cidade é deficitária — diz ele. Afirma também que, apesar das autoridades competentes intervierem no assunto, o trigo vende-se por um preço muito superior aos da tabela. Faz várias conclusões a propósito das crises de trabalho e terminando apela encarecidamente para que o povo não descure esta

